A controvérsia feminista nas reportagens iranianas de Michel Foucault

The feminist controversy in the Foucault's Iranian writings

Mauricio Pelegrini

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brazil
mauricioapelegrini@gmail.com

Resumo: O artigo parte da troca pública de mensagens entre Michel Foucault e uma leitora iraniana anônima, de pseudônimo Atoussa H., para mostrar como a controvérsia entre os dois foi o objetivo principal de uma crítica pretensamente feminista às reportagens iranianas que Foucault escreveu entre os anos de 1978-1979. A partir da definição pós-estruturalista da categoria de gênero, procura-se mostrar que tal crítica essencializa as definições do conceito de “mulher”, sendo totalmente oposta à analítica do poder foucaultiana. Tanto Foucault quanto o movimento feminista iraniano foram opositores ao regime do Xá Pahlevi, e também fortes críticos à ditadura teocrática que em seguida foi instalada pelo aiatolá Khomeini. Desta forma, conclui-se que o movimento insurreccional iraniano analisado por Foucault era múltiplo e fragmentado, não conivente com a perseguição aos direitos humanos que ocorreu após a Revolução.

Resumen: El artículo parte del intercambio público de mensajes entre Michel Foucault y una lectora iraní anónima, de pseudónimo Atoussa H., para mostrar cómo la controversia entre los dos fue el objetivo principal de una crítica supuestamente feminista a los reportajes iraníes que Foucault escribió en 1978-1979. A partir de la definición post-estructuralista de la categoría del género, se procura mostrar que tal crítica esencializa las definiciones del concepto de mujer, siendo totalmente opuesta a la analítica del poder foucaultiana. Tanto Foucault como el movimiento feminista iraní fueron opositores a la dictadura del Sha, y también fuertes críticos a la dictadura teocrática luego instalada por el ayatolá Jomeiny. De esta forma, se concluye que el movimiento insurreccional iraní analizado por Foucault era múltiple y fragmentado, no conivente con la persecución a los derechos humanos ocurridos después de la Revolución.

Abstract: The article begins with the account of the public exchange of messages between Michel Foucault and an anonymous Iranian reader, pseudonym Atoussa H. I intend to show how the controversy between the two was the main target of a allegedly feminist critique of the Iranian reports that Foucault wrote in the years 1978-1979. From a post-structuralist definition of gender, it is clear that such criticism essentializes the definitions of the concept of woman, being totally opposed to the foucauldian analytic of power. Both Foucault and the Iranian feminist movement were opposed to the Shah's dictatorship, and both were also strong critics of the theocratic dictatorship installed after by Ayatollah Khomeini. It is my contention that the insurreccional movement analyzed by Foucault in Iran was multiple and fragmented, not conniving with the persecution of human rights that occurred after the Revolution.

Palavras-chave: Revolução Iraniana; feminismo; gênero.

Palabras Clave: Revolución iraní; feminismo; género.

Keywords: Iranian Revolution; feminism; gender.

Fecha de recepción: 14/03/2019. Fecha de aceptación: 30/05/2019.

Mauricio Pelegrini é brasileiro, bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), mestre e doutorando em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Autor de “Michel Foucault e a Revolução Iraniana” (Intermeios, São Paulo, 2019) e de diversos artigos sobre Foucault, principalmente sobre os temas do neoliberalismo, aleturgias, feminismo e Irã.

1. Michel Foucault e o Irã

Michel Foucault viajou ao Irã por duas ocasiões, em setembro e novembro de 1978, a convite do jornal italiano *Corriere della Sera*. Nesse período, o regime ditatorial do xá Muhammad Reza Pahlavi, empossado em 1941 por meio de um golpe de estado apoiado pelos Estados Unidos e Inglaterra, dava mostras claras de seu declínio. Revoltas, passeatas e protestos eram cada vez mais frequentes, e reprimidos cada vez com mais violência. Após um período de intenso movimento revolucionário, no ano seguinte a eleição quase unânime do aiatolá Khomeini como líder supremo do país deu início a um governo islâmico.

Os artigos que Foucault escreveu sobre o Irã não se limitaram a uma mera descrição dos eventos, mas procuraram entender o movimento das forças em disputa, suas raízes sociais e históricas. O saldo final dessa experiência foi um conjunto de textos, entre artigos, entrevistas, cartas e manifestos, publicados majoritariamente no jornal italiano, mas alguns também em periódicos franceses. Durante as revoltas, alguns foram traduzidos imediatamente para o farsi e lidos pelos manifestantes; na França, contudo, foram muito mal recebidos e deram origem a uma polêmica quanto ao posicionamento de Foucault a respeito do acontecimento revolucionário. A cassação dos direitos de diversas minorias (mulheres e homossexuais, principalmente) realizada pelo novo governo teocrático promoveu uma identificação posterior do regime dos aiatolás com o movimento insurrecional, que em sua gênese era disperso, contraditório e multifacetado, unido unicamente por uma bandeira negativa: o *não* ao regime do xá¹.

A maior dessas polêmicas se deu, claramente, no campo feminista. A partir do debate público entre Foucault e uma leitora iraniana, travado nas páginas do periódico de esquerda francês *Le Nouvel Observateur*, apresenta-se aqui a disputa conceitual sobre o papel das mulheres no Islã. Como se verá a seguir, o conceito de gênero foi utilizado por alguns comentaristas para atacar Foucault como insensível às questões femininas e às mulheres; no limite, ignorando completamente e até mesmo compactuando teoricamente (por meio de um suposto relativismo ético) com a perseguição aos direitos femininos após a Revolução, com a tomada de poder pelos aiatolás liderados por Khomeini. Tal posição se coloca fundamentalmente contra toda a análise de poder desenvolvida por Foucault ao longo de sua vida. A noção de gênero, que ganhou importância teórica a partir da segunda metade dos anos 1980, é tributária dos conceitos de Foucault. Pensar o gênero sob uma perspectiva pós-estruturalista, como fazem todas as pensadoras a partir de Foucault, implica então desessencializar a posição da mulher, e traz ganhos importantes para entender a controvérsia feminista suscitada por seus textos.

1 Para um relato das viagens de Foucault ao Irã e os conceitos por ele desenvolvidos em suas reportagens, consultar o capítulo 1 de PELEGRINI, Mauricio. *Michel Foucault e a Revolução Iraniana*. Intermeios, São Paulo, 2019.

2. Uma leitora iraniana

Após a publicação de algumas reportagens de Foucault na Itália, um de seus artigos foi traduzido para o francês, com o título *À quoi rêvent les Iraniens?*². Imediatamente, recebeu a resposta de uma leitora iraniana radicada na França, identificada apenas como *Atoussa H.*, da qual nunca se soube a real identidade. Em novembro de 1978, o jornal trazia em suas páginas a seguinte carta:

Vivendo em Paris, eu estou profundamente perturbada pelos comentários leves que a esquerda francesa reserva frequentemente à eventualidade de um “governo islâmico” sucedendo à tirania sangrenta do xá. Michel Foucault, por exemplo, parece comovido (nº 727, de 16 de outubro) pela “espiritualidade muçulmana” que substituiria vantajosamente, segundo ele, a feroz ditadura sem escrúpulos hoje vacilante. Depois de vinte e cinco anos de silêncio e de opressão, o povo iraniano só poderia então escolher entre a Savak e o fanatismo religioso? Para ter uma ideia do que significaria a “espiritualidade” do Corão aplicada literalmente pela ordem moral do aiatolá Khomeini, vale a pena ler os textos. (...) Sura 2: “*Vossas esposas são para vós um campo, vinde então a vosso campo como bem quiserdes*”. Claramente: o homem é o senhor, a mulher escrava, pode-se usá-la conforme seu capricho, ela não tem nada a dizer. Que ela use o véu, nascido do ciúme do Profeta por Aisha! Não se trata de parábola espiritual, mas sim de uma escolha da sociedade. As mulheres sem véu são frequentemente insultadas atualmente e os próprios jovens muçulmanos não escondem que, no regime que desejam, as mulheres não terão o que se meter. Está escrito também que as minorias têm direito à liberdade, sob a condição de não prejudicar a maioria. Desde quando as minorias começaram a “prejudicar”?(...)

Espiritualidade? Retorno às origens populares? A Arábia Saudita se encharca da fonte do Islã. As mãos e as cabeças rolam, para os ladrões e os amantes. (...) Dir-se-ia que para a esquerda ocidental, na falta de humanismo, o Islã é desejável... para os outros. Muitos iranianos estão, como eu, desamparados e desesperados pela ideia de um governo “islâmico”. Eles sabem do que isso se trata. Em todo o entorno do Irã, o Islã serve de máscara à opressão feudal ou pseudorrevolucionária. Frequentemente também, como na Tunísia, no Paquistão, na Indonésia e no meu país, o Islã – infelizmente! – é o único meio de expressão dos povos amordaçados. A esquerda liberal do Ocidente deveria saber que peso morto pode se tornar, sobre as sociedades ávidas por mudança, a lei islâmica, e não se deixar seduzir por um remédio talvez pior que o mal.³

2 FOUCAULT, Michel. « À quoi rêvent les Iraniens ? ». En *Dits et Écrits III: 1976-1979*. Gallimard, Paris, 1994, p. 688-694.

3 ATOUSSA H. « Une Iranienne écrit. ». En *Le Nouvel Observateur*, nº 730, 6 au 12 novembre 1978. Cito a carta na íntegra devido à dificuldade de acesso ao texto, e à ausência de tradução direta para o português. As supressões indicadas entre parênteses são de responsabilidade do editor francês.

Na edição seguinte do mesmo periódico, veio a resposta de Foucault:

A Sra. Atoussa H. não leu o artigo que ela critica. É seu direito. Mas não era preciso me atribuir a ideia de que a “espiritualidade muçulmana substituiria vantajosamente a ditadura”. Desde que se manifestou e que se fez matar no Irã ao grito de “governo islâmico”, era um dever elementar perguntar-se qual conteúdo era dado a esse termo e qual força o animava. Eu indiquei, aliás, diversos elementos que me pareceram pouco tranquilizadores. Houvesse, na carta da Sra. H., apenas um erro de leitura, eu não a teria respondido. Mas ela contém duas coisas intoleráveis: 1) Confundir todos os aspectos, todas as formas, todas as virtualidades do Islã em um mesmo desprezo, para rejeitá-los em bloco sob a reprovação milenar de “fanatismo”. 2) Suspeitar que todo ocidental só se interessa pelo Islã por desprezo pelos muçulmanos (que dizer de um ocidental que desprezaria o Islã?). O problema do Islã como força política é um problema essencial para a nossa época e para os anos que virão. A primeira condição para abordá-lo com o mínimo de inteligência é não começar a colocar ódio.⁴

A leitora iraniana destaca a sura corânica para marcar o seu ponto de vista, afirmando que Foucault não estava conseguindo enxergar na demanda por um governo islâmico o germe do fanatismo religioso que oprimiria as mulheres e outras minorias. O uso obrigatório do véu seria a marca visível dessa opressão. A resposta de Foucault demonstra sua imediata percepção de que a revolta iraniana seria objeto de uma controvérsia muito maior do que poderia ter antevisto quando propôs a realização da série de reportagens sobre a revolução. Seus textos não seriam lidos atentamente, em todas as nuances e contradições que sempre procurou apontar, mas apenas superficialmente utilizados para atacá-lo a partir de uma posição essencialista. A questão muçulmana já se delineava desde aquele momento como um campo carregado de preconceitos e posições controversas, fato que só aumentou com a importância cada vez maior do Islã nas relações internacionais – o que ele prescientemente afirma ao final de sua carta. Para abordar o islamismo, é preciso, antes de tudo, distinguir as diversas posições que o constituem, mas isso só é possível, como diz Foucault, se a crítica não partir de uma posição de ódio, que só conseguiria enxergar no Islã radicalismo, fanatismo, fundamentalismo.

A ideia apresentada por Atoussa H. de que as mulheres seriam imediatamente oprimidas num governo islâmico parte da experiência pessoal da leitora, mas também do senso comum. A historiadora Nikki Keddie, ao analisar as mulheres no Oriente Médio islâmico, pretende mostrar que o papel exercido por elas no islamismo é muito mais diversificado do que supõe a visão ocidental, que tende

4 FOUCAULT, Michel. « Réponse de Michel Foucault à une lectrice iranienne ». En *Dits et Écrits III: 1976-1979*, 708. Cito também na íntegra, devido à ausência de versão em português deste texto.

a enxergar a região como um monólito cultural, sem contradições ou fissuras. Para ela, nessa visão o passado tribal seria percebido como um ponto de origem reificado, produzindo reflexos contínuos no presente, e tornando irrelevante a história múltipla das mudanças sociais e culturais na compreensão do islamismo atual⁵. Analisando especificamente o caso do Irã e da religião ali praticada, denominada xiismo duodecimal, Keddie mostra que as mulheres exerceram até mesmo posições religiosas de liderança, tornando-se mulás e ensinando o Corão, além de poderem ser consultadas em assuntos de legislação religiosa. Do mesmo modo, professando uma religião que muitas vezes é caracterizada como de insubmissão, as mulheres iranianas se engajaram em diferentes tipos de revolta ao longo da história. Como narra Keddie:

Mulheres iranianas entraram pesadamente em muitas manifestações, revoltas e revoluções, cujos objetivos não eram especificamente pró-feministas. Nas revoltas populares por comida, comuns no século dezanove, as mulheres foram frequentemente o elemento líder, em parte porque as mulheres das classes populares sentiam diretamente o preço do pão e, em parte, parece, porque os homens preferiam que mulheres anônimas vestindo o xador, teoricamente inviolável, fizessem o trabalho perigoso.⁶

Interessa apontar aqui o fato de que é preciso fazer história, de maneira paciente, para não se cair em equívocos comuns a respeito do mundo muçulmano. Por bem intencionada que pareça ser a carta de Atoussa H., demonstrando preocupação com o futuro do seu país de origem, sua visão não deixa de ser bastante parcial; afinal, Foucault procurava mostrar no seu texto as possibilidades que a revolta poderia abrir, e não apenas as religiosas. Era preciso compreender, antes de tudo, as forças diversas que se aliavam sob o grito de “governo islâmico”.

3. A controvérsia feminista

A carta de Atoussa H. é o ponto de partida para a crítica pretensamente feminista que Janet Afary e Kevin Anderson realizam em seu livro controverso, até hoje uma das poucas obras publicadas sobre a análise da Revolução Iraniana por Foucault. Os autores lançam a seguinte provocação quanto aos textos de Foucault:

O relacionamento altamente problemático de Foucault com o feminismo se torna mais do que uma lacuna intelectual no caso do Irã. (...) Foucault também descartou as premonições feministas de que a revolução estava caminhando para uma direção perigosa, e ele parecia encarar esses avisos como pouco mais do que ataques orientalistas ao Islã, privando-se assim de uma perspectiva mais equilibrada com relação aos eventos no Irã. Em um nível mais geral, Foucault

5 KEDDIE, Nikki R. *Women in the Middle East: past and present*. Princeton University Press, Princeton, 2007, 300.

6 KEDDIE, Nikki R. *Women in the Middle East: past and present*, 306.

permaneceu insensível em relação aos diversos modos pelos quais o poder afetava as mulheres, em contraste com os homens.⁷

Afary e Anderson se aproveitam do flanco aberto pela leitora Atoussa H. para questionar não apenas os escritos iranianos, mas a obra foucaultiana como um todo. Sua intenção é provar que a falta de sensibilidade de Foucault para a possibilidade de opressão das mulheres no Irã é sintoma de um desprezo geral dele pela problemática feminista. De fato, para os autores, os escritos de Foucault padecem de uma androcentricidade velada, responsável por “sua desconsideração com as preocupações feministas, especialmente em questões como pedofilia, estupro e casamento monogâmico”⁸. Seguindo a teoria da filósofa britânica Kate Soper, crítica do feminismo pós-estruturalista, afirmam ainda que “a sexualidade e o corpo são mediados culturalmente, mas gênero e sexo não são construtos inteiramente culturais. Existem realidades pré-discursivas que devem ser reconhecidas”⁹. O conceito de gênero é muito importante para os autores, a ponto de subintitular o seu livro “*gênero e as seduções do islamismo*”; porém, não o detalham nem apresentam diferentes matrizes conceituais que pudessem dar conta de sua complexidade. Citando apenas esta breve passagem, deixam de lado autoras importantes, que podem auxiliar na definição do gênero a partir da teoria de Foucault.

Joan W. Scott, por exemplo, em um texto que já se tornou clássico para as ciências humanas (e para a História em particular), chama a atenção para o fato de que o termo *gênero* foi utilizado por muito tempo como sinônimo de *mulheres*, ignorando, desta forma, o elemento relacional presente em sua definição. Conforme se desenvolvia, a “história das mulheres” era desqualificada e/ou separada da ciência histórica em geral, sendo entendida como uma disciplina à parte que não levantava questões relevantes para os grandes temas da pesquisa histórica, como a economia, a política e a revolução. Em defesa de uma perspectiva mais teórica dos estudos feministas, que pudesse fornecer subsídios consistentes para a pesquisa historiográfica, Scott propôs um novo conceito, objetivando ultrapassar a mera sinonímia entre gênero e mulheres, de maneira a permitir, nas análises históricas, compreender o papel estratégico das diferenças de gênero no exercício da política: “Gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e gênero é uma maneira primordial de significar relações de poder”¹⁰.

Já a filósofa Judith Butler, em sua obra *Gender Trouble*, procura entender teoricamente a conceituação de *gênero* a partir de sua identificação com o termo

7 AFARY, Janet; ANDERSON, Kevin B. *Foucault and the Iranian Revolution: gender and the seductions of Islamism*. The University of Chicago Press, Chicago, 2005, 5.

8 AFARY, Janet; ANDERSON, Kevin B. *Foucault and the Iranian Revolution*, 27.

9 AFARY, Janet; ANDERSON, Kevin B. *Foucault and the Iranian Revolution*, 27.

10 SCOTT, Joan W. « Gender: a useful category of historical analysis ». En *The American Historical Review*, v. 91, n. 5, 1986, 1067.

mulheres, ou, mais especificamente, da conceituação da mulher como sujeito¹¹, a partir de sua relação com o termo *sexo*. Butler coloca em questão o jogo das *identidades* produzidas historicamente e o papel político que estas identidades e sua história exercem no presente. Segundo ela, não seria possível estabelecer, a partir da distinção biológica entre os sexos, identidades fixas que separassem os homens das mulheres, pois a própria categoria *sexo* é produzida historicamente, ou seja, discursivamente. Não há sentido em distinguir *sexo* de *gênero*, uma vez que *gênero* não pode ser definido como a inscrição cultural em um *sexo* pré-dado pela natureza; também o *sexo* se inscreve na cultura. Como afirma a autora:

Gênero também deve designar o próprio aparato de produção onde os sexos são estabelecidos. Como resultado, gênero não está para a cultura como o sexo está para a natureza; gênero é também os meios discursivos/culturais pelos quais “natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *na qual* a cultura age (...). Esta produção do sexo como o pré-discursivo deve ser entendida como o efeito do aparato de construção cultural designado por *gênero*¹².

Portanto, não faria sentido pensar o *gênero* a partir de um *sexo* natural, pronto para ser culturalmente transformado (ainda que de diversas maneiras e aberto a múltiplas possibilidades). Esta dicotomia apenas transfere o determinismo do campo biológico para o campo cultural, uma vez que o *sexo* estaria destinado a tornar-se *gênero*.

As consequências de tal leitura do conceito de *gênero* encontram-se, no contexto da teoria e do movimento feminista, no terreno da disputa pela identidade. Seria possível abrir mão da própria ideia de “mulheres” na luta política? E mais: pode haver política sem o recurso a um sujeito estável? A teoria feminista há muito abriu mão de estabelecer um conceito de “mulher” no singular, e mesmo de imaginar essa possibilidade, uma vez que a identidade feminina também é atravessada por outras clivagens, como raça, classe, orientação sexual. Ainda assim, por mais instável que seja, a ideia de uma mulher a ser representada continua sendo um requisito essencial a todo movimento político feminista. Para Butler, a *mulher* é o efeito do discurso que advoga sua opressão, produção discursiva engendrada pela representação política. Seguindo a teoria da sexualidade de Foucault, e aplicando-a especificamente ao conceito de *gênero* e feminismo, a mulher é tornada sujeito, não apenas no sentido de sujeitada à lei (masculina) da opressão, mas portadora de uma subjetividade feminina que a liga à condição de mulher. A dificuldade, nesses termos, está em pensar a política a partir de uma crítica à própria noção de sujeito

11 Pode-se retomar a definição de Foucault: “Há dois sentidos para a palavra ‘sujeito’: sujeito submetido ao outro pelo controle e pela dependência, e sujeito ligado à sua própria identidade pela consciência ou pelo conhecimento de si. Nos dois casos, essa palavra sugere uma forma de poder que subjuga e assujeita”. FOUCAULT, Michel. « Le sujet et le pouvoir ». En *Dis et Écrits IV: 1980-1984*. Gallimard, Paris, 1994, 227.

12 BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. Routledge, New York, 2007, 10, grifos da autora.

feminino, o que ela denomina genealogia feminista.

Na mesma direção, a historiadora brasileira Margareth Rago afirma que a aplicação do conceito de gênero implica substituição de campo epistemológico, abandonando-se o objeto de estudo *mulheres* e afirmando a dissolução do sujeito racional e unitário. Para a autora, a teoria feminista

manifesta a preocupação de estudar as relações de gênero entendidas como produções culturais e históricas, invest[ando] diretamente contra a afirmação das identidades, desconstruindo-as como elaborações culturais, efeitos de poder e revelando sua produção histórica¹³.

A partir dessas definições de gênero, assim, percebe-se que sua utilização deve ser capaz de questionar a identidade fixa que define a mulher e, consequentemente, sair teoricamente da posição do sujeito estável como pré-requisito ao conhecimento e à política. Não é dessa forma que Afary e Anderson se utilizam da categoria. Gênero – termo pouco utilizado em seu trabalho, apesar das promessas do título – é para eles sinônimo imediato de opressão feminina. É com esse significado que afirmam destacar a política do gênero como essencial para a análise dos eventos no Irã, e considerar que, neste tópico, “Foucault era largamente ignorante”¹⁴.

Para os autores, a ignorância de Foucault quanto à problemática do gênero no Irã teria origem na sua incapacidade de prevenir os desdobramentos posteriores da revolução quanto à perseguição às minorias, e às mulheres em particular. Entretanto, o movimento das mulheres no Irã também foi um fator crucial e um ator político relevante na revolta contra o regime do xá Pahlavi. Como mostra a historiadora Nikki Keddie:

Outro grupo importante na revolução iraniana, cuja participação variava de acordo com classe e ideologia, mas excedia qualquer coisa até então vista no Irã, foram as mulheres. No movimento estudantil dentro e fora do Irã, as mulheres sempre exerceram um papel importante embora, como no Ocidente, a maioria dos líderes dominantes fosse homens. As mulheres foram importantes nas guerrilhas mesmo antes de 1977, e muitas foram presas ou morreram em tiroteios. Desde que as organizações de mulheres foram homogeneizadas na oficial Organização das Mulheres Iranianas, as mulheres que se opunham fortemente ao regime passaram a se afastar de tais organizações e evitar completamente causas feministas, que enxergavam como divisórias num período em que o objetivo principal era derrubar o xá e seu regime. Como em muitos movimentos revolucionários, muitas mulheres politicamente conscientes assumiram que sua participação na luta e a vitória de sua causa daria às mulheres o que desejavam. Deve ser notado também que muitas mulheres não se sentiam conscientemente oprimidas na condição de mulheres, e não mostravam interesse algum

13 RAGO, Margareth. «E se Nietzsche tivesse razão? A categoria do gênero no pós-estruturalismo». En SCAVONE, Lucila (Coord.). *Tecnologias Reprodutivas: gênero e ciência*. Ed. Unesp, São Paulo, 1996, 39.

14 AFARY, Janet; ANDERSON, Kevin B. *Foucault and the Iranian Revolution*, 72.

nas causas femininas. Assim, as ações do regime do xá para modernizar as vestimentas femininas, a educação e os padrões de trabalho, que em todo caso afetavam principalmente mulheres de classe média e alta, não eram necessariamente aprovados nem mesmo afetavam a maioria das mulheres iranianas, enquanto a entrada das mulheres no trabalho das fábricas ou no fabricação comercial de tapetes aumentava o seu fardo de trabalho. A participação das mulheres na política durante e depois da revolução era multiclasse e deu a muitas um novo senso de orgulho pela sua habilidade de se organizar, agir na esfera pública, e algumas vezes arriscar suas vidas.¹⁵

Ao organizar autoritariamente os movimentos de mulheres no Irã, o xá não apenas alijava as mulheres de classe mais baixa das questões feministas, como gerava oposição forte das mulheres intelectualizadas¹⁶. Torna-se possível compreender, assim, que muitas mulheres não religiosas começassem a usar o véu voluntariamente durante os protestos, como sinal de sua posição política contrária ao regime. Apesar de Afary e Anderson insistirem em seu texto que as mulheres eram forçadas a usar o véu nas ruas durante a revolução¹⁷, tanto Keddie quanto o próprio Foucault percebem que havia uma corrente política feminista que pregava o uso do xador durante as manifestações. Para Keddie, “encontramos o fenômeno irônico de que algumas mulheres estudantes universitárias readotaram, nos anos 1970, modos muçulmanos de se vestir, como meio de enfatizar sua identidade islâmica, vista como moral e politicamente superior aos modos do regime, e/ou enfatizar sua oposição política ao regime, fossem ou não religiosas”¹⁸. Se algumas mulheres foram forçadas a usar o véu em demonstrações islâmicas nas universidades, outras mulheres de xador foram impedidas de assistir aulas por alguns professores anti-islâmicos¹⁹. Importa ressaltar a multiplicidade das forças em conflito, e a impossibilidade de essencializar o movimento feminista iraniano sem pelo menos incluir as clivagens de classe e religião. Apesar desse engajamento de grande parte do movimento de mulheres nas forças revoltosas islâmicas, Afary e Anderson não pretendem fazer-lhes a mesma crítica que dirigem a Foucault.

O problema dos autores, ao exigir de Foucault antecipação dos resultados da revolução no tocante aos direitos das mulheres, é recorrer a uma categoria identitária perfeitamente estável e sem contradições, e não conseguir compreender o conceito de sujeito da política mobilizado pela teoria feminista pós-estruturalista a partir da categoria do gênero. A constituição do sujeito se dá na arena das forças em disputa, e só pode ser pensada historicamente. Afary e Anderson cometem outro equívoco histórico ao afirmar que, ao contrário de

15 KEDDIE, Nikki R. *Modern Iran: roots and results of revolution*. Yale University Press, New Haven, 2006. 229.

16 Ver KIAN-THIÉBAUT, Azadch. « Les mouvements d'émancipation des femmes en Iran ». En GUBIN, Eliane et al. (Coord.). *Le siècle des féminismes*. Les Éditions de l'Atelier/Éditions Ouvrières, Paris, 2004, 385-397.

17 AFARY, Janet; ANDERSON, Kevin B. *Foucault and the Iranian Revolution*, 2 e 49.

18 KEDDIE, Nikki R. *Modern Iran: roots and results of revolution*, 229-230. Pode-se pensar no debate que ocorre atualmente na França, sobre a proibição ao uso do véu nas escolas e repartições públicas.

19 KEDDIE, Nikki R. *Modern Iran: roots and results of revolution*, 230.

Foucault, outros intelectuais franceses teriam se posicionado contra a revolução ao perceber que as mulheres seriam oprimidas num possível governo islâmico. Sua análise historiográfica discute as manifestações do Dia Internacional da Mulher, em 8 de março de 1979, que foi duramente reprimida pelo governo islâmico já instaurado, e que gerou diversos protestos entre os intelectuais europeus²⁰. Considerando a temporalidade da publicação das reportagens, fica claro que, nesse período, Foucault já havia parado de escrever sobre o Irã, e se manifestou apenas para exigir do então primeiro ministro Bazargan que as promessas da revolução fossem recuperadas. A estratégia dos autores é, outra vez, criticar Foucault apenas pelo que deixou de dizer (já que não publicou uma carta específica sobre os direitos das mulheres), e não se importar com o que efetivamente disse. Se a letra de Foucault lhes interessasse, teriam encontrado um excelente libelo sobre a questão dos direitos humanos e o papel que todo governo deveria exercer para garantir²¹.

4. Foucault e o feminismo

Afary e Anderson utilizam a questão da ausência do feminismo nas reportagens iranianas de Foucault como pretexto para criticar a sua obra em geral. Argumentam, assim, que a teoria feminista deveria prescindir completamente da teoria foucaultiana, e apontam estranhamento com o fato de as feministas serem tão próximas ao seu pensamento. Em suas palavras: “Há muito pouco nos escritos de Foucault sobre as mulheres ou sobre os direitos das mulheres. Ao mesmo tempo, os escritos teóricos de Foucault tiveram uma imensa influência em uma geração de acadêmicos feministas, *ainda que a sua atitude em relação ao feminismo fosse ambígua e algumas vezes até desdenhosa*”²². Para os autores, a teoria do poder de Foucault levaria a uma noção individualista de liberdade, que impediria a crítica de problemas como abuso sexual e pedofilia. Do mesmo modo, a sua genealogia das relações sexuais no mundo antigo tê-lo-ia levado a criticar os movimentos de liberação homossexual e não apoiar o reconhecimento dos direitos gays. Concluem que, do ponto de vista das liberdades e do feminismo, seria preciso deixar de lado a teoria de Foucault.

Várias pensadoras feministas importantes não compartilham dessa opinião. Margaret McLaren, por exemplo, aponta como o feminismo pode se apropriar do pensamento de Foucault, desde que o aborde sem alguns equívocos, como o de que apresentaria uma ordem social onde não haveria possibilidade de alternativa ao poder disciplinar vigente na sociedade moderna. O poder, no entanto, é relação e exercício, e não lugar ou posse; assim, implica necessariamente a liberdade de resistir. Para McLaren, o feminismo tem um papel importante a exercer na resistência, quer dizer, na mudança das relações de poder. Ela mostra como

20 AFARY, Janet; ANDERSON, Kevin B. *Foucault and the Iranian Revolution*, 111-117.

21 FOUCAULT, Michel. « Lettre ouverte à Mehdi Bazargan ». En *Dits et Écrits III: 1976-1979*, 780-782.

22 ANDERSON, Kevin B. *Foucault and the Iranian Revolution*, 26, grifos meus.

esta resistência se dá tanto no plano individual quanto coletivo, e o movimento feminista seria capaz de alterar as normas sociais que exercem poder sobre os indivíduos, oprimindo-os(as).

Por que as feministas deveriam adotar Foucault? (...) Ele ilustra graficamente o dano que normas podem fazer por meio do processo de marginalização e exclusão dos que não se conformam a elas. A obra de Foucault ilustra as maneiras pelas quais as normas operam no nível do próprio corpo. As feministas deveriam ser compreensivas quanto aos danos que as normas podem realizar. (...) O óbvio próximo passo é de alguma maneira resistir às normas que são danosas. Como na maioria das teorias feministas, Foucault quer mostrar que o poder existe e opera no nível interpessoal e micropolítico tanto quanto no nível estrutural, macropolítico.²³

Nesse sentido, as teorias e movimentos feministas, cujo objetivo sempre foi questionar as formas de dominação e exercício do poder na atualidade, têm muito a ganhar com o pensamento de Foucault, especialmente com as questões por ele apresentadas em suas últimas obras, artigos e entrevistas; nesse período, sua atenção voltou-se para o problema da ética e da constituição de novas subjetividades. Não se trata, como é bem sabido pelo feminismo, de um projeto individual, mas de estabelecer novos discursos e práticas sociais, intensificando as relações com os outros.

Margareth Rago também aponta diversas questões a partir das quais o feminismo foi inspirado e afetado pelas problemáticas e questionamentos foucaultianos, especialmente a constituição do sujeito do feminismo e os novos modos de subjetivação. Segundo Rago, a desnaturalização do sujeito e a problematização da subjetividade contemporânea empreendidas por Foucault inspirou o questionamento dos modelos de feminilidade impostos na contemporaneidade. A busca por outros modos de constituição de si, que Foucault chamou de *artes da existência*, também foi responsável pela abertura de novas possibilidades para a construção da subjetividade feminina e das identidades de gênero. A autora argumenta que o pensamento feminista é capaz de propor novos modos de subjetivação que não se restringiriam às mulheres, mas teriam impacto em toda a sociedade. Em suas palavras:

Se se pode dizer que o feminismo cria “modos específicos de existência”, mais integrados e humanizados, já que desfaz oposições binárias como as que hierarquizam razão e emoção, público e privado, masculino e feminino, heterossexualidade e homossexualidade; se se pode afirmar que inventa eticamente, sobretudo ao defender outro lugar social para as mulheres e sua cultura; se se aceita, enfim, que opera no sentido de renovar e reatualizar o imaginário político e cultural de nossa época

23 McLAREN, Margaret A. « Foucault and feminism: power, resistance, freedom ». En TAYLOR, Dianna; VINTGES, Karen (Coords.). *Feminism and the final Foucault*. University of Illinois Press, Chicago, 2004, 228.

(...), trata-se de saber quais os novos modos de constituição de si que introduz para as mulheres e, seguramente, não apenas para elas.²⁴

A historiadora Tania Swain propõe, na mesma direção, a convergência do pensamento feminista com o pensamento de Foucault. Ambos, segundo ela, visam a desconstrução das evidências, ou seja, ultrapassar o determinismo histórico positivista e abraçar o desconhecido. A epistemologia feminista também significa arriscar a vida, não no sentido de busca da experiência da morte por meio da dor, mas no sentido de abandonar as certezas e o sujeito cartesiano, masculino e binário, do conhecimento. A incerteza histórica, e não a morte, é o lugar da criatividade. De acordo com Swain:

Para Foucault, estava claro: apenas quem aceitasse arriscar a vida poderia falar de revolução. Não me refiro aqui a revoluções armadas ou terrorismo, a uma inversão simplória de poderes. Falo de revoluções epistemológicas, da criação de condições de imaginação para uma transformação das relações humanas para além de um binarismo simplificador, cuja aparente evidência em opostos complementares, mas *diferentes*, arquiteta toda uma economia humana traçada em linhas de poder e força.²⁵

Os exemplos poderiam ser multiplicados. Ressalto apenas que, na tentativa de demonstrar a impertinência da obra de Foucault para as análises feministas, Afary e Anderson acabam deixando de lado uma grande quantidade de autores e autoras que, inspiradas por seu pensamento, produziram novas categorias teóricas e novas formas de viver no mundo contemporâneo. Na insistência em criticar toda a obra de Foucault, Afary e Anderson perdem a oportunidade de enxergar as especificidades de cada um de seus livros e, principalmente, de compreender as reportagens iranianas, que deveriam ser o objeto principal do trabalho dos autores: apenas cerca de um terço do livro é dedicado à pura análise dos textos iranianos de Foucault. Parece claro que os autores não estão interessados em compreender sua articulação teórica e histórica, mas sim em usá-los para demolir Foucault. E o fazem não apenas de forma inconsistente, mas de maneira desrespeitosa com a sua trajetória política, com o seu estatuto teórico em diversos países do mundo e com todos aqueles que dedicaram grande parte da sua vida e de seu esforço intelectual a estudá-lo com seriedade.

24 RAGO, Margaret. « Foucault, a subjetividade e as heterotopias feministas ». En SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard (Coords.). *O legado de Foucault*. Ed. Unesp, São Paulo, 2006, 104.

25 SWAIN, Tania Navarro. « A desconstrução das evidências: perspectivas feministas e foucaultianas ». En SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard (Coords.). *O legado de Foucault*, 121.

5. BIBLIOGRAFÍA

- AFARY, Janet; ANDERSON, Kevin. *Foucault and the Iranian Revolution: gender and the seductions of Islamism*. The University of Chicago Press, Chicago, 2005.
- ATOUSSA H. « Une iranienne écrit ». En *Le Nouvel Observateur*, nº 730, 6 au 12 novembre 1978.
- BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. Routledge, New York, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits III: 1976-1979*. Gallimard, Paris, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits IV: 1980-1984*. Gallimard, Paris, 1994.
- GHAMARI-TABRIZI, Behrooz. *Foucault in Iran: Islamic Revolution after the Enlightenment*. University of Minnesota Press, Minneapolis, 2016.
- KEDDIE, Nikki R. *Modern Iran: roots and results of revolution*. Yale University Press, New Haven, 2006
- KEDDIE, Nikki R. *Women in the Middle East: past and present*. Princeton University Press, Princeton, 2007.
- KIAN-THIÉBAUT, Azadeh. « Les mouvements d'émancipation des femmes en Iran ». En GUBIN, Eliane et al. (Coord.). *Le siècle des féminismes*. Les Éditions de l'Atelier/Éditions Ouvrières, Paris, 2004, 385-397.
- McLAREN, Margaret A. « Foucault and feminism: power, resistance, freedom ». En TAYLOR, Dianna; VINTGES, Karen (Coords.). *Feminism and the final Foucault*. University of Illinois Press, Chicago, 2004.
- PELEGRINI, Mauricio. *Michel Foucault e a Revolução Iraniana*. Intermeios, São Paulo, 2019.
- RAGO, Margareth. « E se Nietzsche tivesse razão? A categoria do gênero no pós-estruturalismo ». En SCAVONE, Lucila (Coord.). *Tecnologias Reprodutivas: gênero e ciência*. Ed. Unesp, São Paulo, 1996.
- RAGO, Margareth. « Foucault, a subjetividade e as heterotopias feministas ». En SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard (Coords.). *O legado de Foucault*. Ed. Unesp, São Paulo, 2006.
- SCOTT, Joan W. « Gender: a useful category of historical analysis ». En *The American Historical Review*, v. 91, n. 5, 1053-1075.

SWAIN, Tania Navarro. « A desconstrução das evidências: perspectivas feministas e foucaultianas ». En SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard (Coords.). *O legado de Foucault*. Ed. Unesp, São Paulo, 2006.